REFORMA SEM RUPTURA? O UZBEQUISTÃO SOB O GOVERNO DE SHAVKAT MIRZIYOYEV

DOI: 10.61623/cpe.v12n18.a06
Submetido em: 04/02/2026. Aceito em: 08/05/2026.
ISSN: 2359-5280 | e-ISSN: 2447-228X

Bruno Quadros e Quadros[1]

Resumo

Este artigo examina se as reformas implementadas pelo presidente do Uzbequistão, Shavkat Mirziyoyev, desde 2016 constituem uma ruptura com o legado autoritário de Islam Karimov (1991-2016). Em primeiro lugar, analisa as características estruturais da cultura política do Uzbequistão – alianças baseadas em clãs, paternalismo, autoritarismo, retradicionalização e o fator islâmico – que historicamente limitaram a mudança política. Em seguida, o estudo avalia a era Karimov, caracterizada por um regime autoritário altamente securitizado, dirigismo econômico e isolacionismo na política externa. Por fim, avalia a agenda de reformas de Mirziyoyev, destacando uma significativa liberalização econômica e uma marcante reorientação da política externa em direção à cooperação regional e ao engajamento global, ao lado de limites persistentes à liberalização política. Reformas constitucionais, restrições legais à liberdade de expressão e episódios de repressão coercitiva ressaltam a continuidade da governança autoritária. O artigo conclui que a trajetória recente do Uzbequistão reflete não uma ruptura democrática, mas um processo de adaptação autoritária, no qual o progresso socioeconômico e a abertura diplomática coexistem com a preservação dos fundamentos políticos centrais do regime.

Palavras-chave: Uzbequistão. Autoritarismo. Reforma política. Cultura política. Ásia Central.

1 Diplomata de carreira brasileiro, possui mestrado pelo Instituto Estatal de Relações Internacionais de Moscou (MGIMO). ORCID: 0000-0003-2466-0081.

REFORMING WITHOUT RUPTURE? UZBEKISTAN UNDER SHAVKAT MIRZIYOYEV

Abstract

This paper examines whether the reforms implemented under Uzbekistani President Shavkat Mirziyoyev since 2016 constitute a rupture with the authoritarian legacy of Islam Karimov (1991–2016). It first analyzes the structural features of Uzbekistani political culture—clan-based allegiances, paternalism, authoritarianism, retraditionalization, and the Islamic factor—which have historically constrained political change. The study then assesses the Karimov era, characterized by a highly securitized authoritarian regime, economic dirigisme, and foreign policy isolationism. Finally, it evaluates Mirziyoyev's reform agenda, highlighting significant economic liberalization and a marked reorientation of foreign policy toward regional cooperation and global engagement, alongside persistent limits to political liberalization. Constitutional reforms, legal restrictions on freedom of expression, and episodes of coercive repression underscore the continuity of authoritarian governance. The paper concludes that Uzbekistan's recent trajectory reflects not a democratic rupture but a process of authoritarian adaptation, in which socioeconomic progress and diplomatic openness coexist with the preservation of the regime's core political foundations.

Keywords: Uzbekistan. Authoritarianism. Political reform. Political culture. Central Asia.

¿REFORMA SIN RUPTURA? UZBEKISTÁN BAJO EL MANDATO DE SHAVKAT MIRZIYOYEV

Resumen

Este artículo examina si las reformas implementadas bajo el mandato del presidente de Uzbekistán, Shavkat Mirziyoyev, desde 2016 constituyen una ruptura con el legado autoritario de Islam Karimov (1991–2016). En primer lugar, analiza las características estructurales de la cultura política uzbeka —las alianzas basadas en clanes, el paternalismo, el autoritarismo, la retradicionalización y el factor islámico— que históricamente han limitado el cambio político. A continuación, el estudio evalúa la era de Karimov, caracterizada por un régimen autoritario altamente securitizado, el dirigismo económico y el aislacionismo en política exterior. Por último, evalúa la agenda de reformas de Mirziyoyev, destacando una importante liberalización económica y una marcada reorientación de la política exterior hacia la cooperación regional y la participación global, junto con límites persistentes a la liberalización política. Las reformas constitucionales, las restricciones legales a la libertad de expresión y los episodios de represión coercitiva subrayan la continuidad de la gobernanza autoritaria. El artículo concluye que la trayectoria reciente de Uzbekistán no refleja una ruptura democrática, sino un proceso de adaptación autoritaria, en el que el progreso socioeconómico y la apertura diplomática coexisten con la preservación de los fundamentos políticos centrales del régimen.

Palabras clave: Uzbekistán. Autoritarismo. Reforma política. Cultura política. Asia Central.

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir até que ponto as reformas atuais promovidas pelo presidente do Uzbequistão, Shavkat Mirziyoyev (2016-presente), representam uma ruptura em relação ao legado de Islam Karimov (1991-2016), cujo governo era comumente descrito como uma "ditadura total" (Hale, 2014, p. 242), um "presidencialismo paternalista" ou um "regime autoritário total" (Levitsky e Way, 2010, p. 6-7).

Para atingir esse objetivo, proponho a seguinte estrutura para este artigo analítico:

- Na Seção 1, examino as principais características da cultura política do Uzbequistão;
- Na Seção 2, analiso os pontos-chave dos 25 anos de governo de Islam Karimov;
- Na Seção 3, exploro as reformas introduzidas por Shavkat Mirziyoyev; e
- A Conclusão conterá as considerações finais.

1. Cultura política do Uzbequistão

As principais características da cultura política do Uzbequistão, juntamente com os chamados valores "orientais", como a hierarquia, o respeito pela autoridade e pela senioridade e o desejo de ordem social (Spechler e Spechler, 2010, p. 163), podem ser descritas da seguinte forma:

- Alianças baseadas no clã;
- Paternalismo;
- Autoritarismo;
- Retradicionalização; e o
- Fator islâmico.

Historicamente, desde os tempos dos emirados e canatos, o território do atual Uzbequistão ficou sob o domínio das elites locais das duas maiores e mais importantes cidades do ponto de vista político, Tashkent e Samarcanda, dando origem a clãs regionais. Os esforços soviéticos para equilibrar o condomínio Tashkent-Samarcanda por meio do apoio aos clãs de Ferghana e Khorezm não tiveram sucesso (Starr, 2006, p. 7-8).

As tradições paternalistas na política do Uzbequistão baseiam-se em "um tipo hierárquico de relação social, clientelismo e um tipo tradicional de lealdade política" (Koldunova, 2016, p. 151) e podem ser definidas como:

> [...] neopatrimonialista, em que as redes pessoais centradas em líderes políticos constituem o elemento-chave do processo político. O prefixo "neo-" implica que as redes mencionadas podem ser formadas não apenas com base em relações tradicionais (clã, parentesco, família, região), mas também com base em critérios racionais (negócios, redistribuição de recursos, etc.) (Koldunova, 2016, p. 147, tradução nossa).

O autoritarismo é uma característica essencial da cultura política tradicional do Uzbequistão (Naumkin, 2006, p. 135). Ele decorre de:

- a ausência de experiência prévia com eleições justas;
- a predominância do discurso político de estabilidade, em vez de mudança radical, devido à turbulência causada pela guerra civil no Tajiquistão e no Afeganistão;
- a falta de movimentos nacionais de base fortes que pudessem "potencialmente gerar uma cultura política de protesto" (Koldunova, 2016, p. 146), como aqueles que surgiram em grande número nos países bálticos e no Cáucaso (Akbarzadeh, 1996, p. 23); e
- a preservação dos sistemas de pirâmide única e das redes patronais dominantes pré-existentes, herdadas do período soviético (Hale, 2014, p. 162–163).

A retradicionalização vivida pelo Uzbequistão e por vários Estados da Ásia Central foi uma resposta aos sistemas de segurança social que entraram em colapso após o desmoronamento da União Soviética e foram substituídos por grupos solidários ou tradicionais, pela família extensa e pela *mahalla* (comunidade de bairro) (Koldunova, 2016, p. 145-146, 151). Outra dimensão desse processo é a valorização das raízes ancestrais para fomentar uma identidade nacional. No caso do Uzbequistão, isso significou o culto a Amir Timur (Tamerlão) (1336--1405) (Starr, 2006, p. 13) e a Alisher Navoi (1441-1501).

O Islã é uma condição *sine qua non* da identidade nacional no Uzbequistão (Hanks 1994, 318). No entanto, a ascensão do Islã radical fez com que o governo passasse a suspeitar fortemente das atividades religiosas e determinou a evolução do regime político de Karimov (Koldunova, 2016, p. 155), que utilizou a ameaça jihadista para reprimir a oposição. Por um lado, fatores como "pobreza, desemprego, autoritarismo, o caráter fechado da sociedade, repressão, corrupção escandalosa e a ausência de quaisquer oportunidades de protesto" oferecem condições para a radicalização de uzbeques insatisfeitos (Naumkin, 2006, p. 134). Por outro lado, alguns estudiosos argumentam que a tradição islâmica hanafita-maturidita da Ásia Central, historicamente

arraigada e profundamente influenciada pelas práticas sufistas, contribuiu para a resistência social contra interpretações puritanas e literalistas do Islã, incluindo as correntes wahhabitas e salafistas mais amplas (Khalid, 2007, p. 84-116).

2. A governança sob o governo de Islam Karimov (1991-2016)

Um burocrata brezhnevista, tecnocrata econômico e ex-primeiro secretário da seção uzbeque do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Islam Karimov conseguiu manter a máquina partidária relativamente intacta após a independência, o que o ajudou a preservar o poder como primeiro presidente do Uzbequistão (Hale, 2014, p. 164).

Os 25 anos de governo de Islam Karimov podem ser caracterizados pelo autoritarismo, pela securitização das políticas públicas com a estabilidade como prioridade máxima, pela gestão econômica autárquica e por uma política externa isolacionista, marcada por disputas com seus vizinhos da Ásia Central (Asiryan, 2019).

Karimov foi eleito pela primeira vez presidente do Uzbequistão em 1991, na única disputa eleitoral genuína contra o poeta nacionalista moderado Mohammed Solih. Em 1995, seu mandato foi prorrogado por referendo até 2000, quando foi reeleito. Um referendo em 2002 e uma emenda constitucional em 2003 prolongaram os mandatos presidenciais de cinco para sete anos (Hale, 2014). Karimov foi reeleito em 2007 e 2015. Em todas as eleições, Karimov obteve mais de 85% dos votos.

O governo proibiu organizações políticas seculares, como Erk e Birlik, e também grupos islâmicos, como o Hizb-ut-Tahrir (Spechler e Spechler, 2010, p. 163) e o Movimento Islâmico do Uzbequistão (IMU) (Murtazashvili, 2012, p. 87), e construiu um sistema partidário centrado em cinco partidos pró-governo, cada um voltado para diferentes políticas e setores da sociedade:

- o Partido do Renascimento Nacional Democrático (Milliy Tiklanish), de orientação nacionalista, que defende a unidade nacional e conta com o apoio de autoridades governamentais, líderes cívicos mais antigos e da maioria muçulmana sunita moderada;
- o Fidorkorlar, ou Partido Nacional Democrático, voltado para a inteligência progressista e defensor da abertura e do livre mercado;
- o Partido Democrático Popular (XDP), como defensor dos programas de bem-estar social, atraindo agricultores mais pobres, a classe média baixa urbana, aposentados e ex-comunistas;

- o Adolat, ou Partido Social-Democrata da Justiça, com soluções mais moderadas de centro-esquerda; e
- o Partido Liberal Democrático (UzLiDeP), tendo como principal eleitorado jovens empresários dos principais centros urbanos (Starr 2006, 24).

A era Karimov foi marcada por uma repressão sistemática (Hale, 2014, p. 243) e por um histórico de direitos humanos amplamente criticado. O parlamento não contava com verdadeiros partidos de oposição, as atividades religiosas eram mantidas sob o olhar vigilante do Serviço de Segurança Nacional (SNB), a imprensa e a mídia eletrônica eram rigorosamente censuradas (Spechler e Spechler, 2010, p. 162-163), os *mahallas* eram rigidamente controlados (Murtazashvili, 2012, p. 89) e a tortura e o trabalho forçado nos campos de algodão eram práticas generalizadas.

Jennifer Murtazashvili apresenta três razões para a ausência de uma "revolução colorida" no Uzbequistão de Karimov:

- um desempenho econômico relativamente sólido, com uma política de redistribuição econômica, subsídios estatais e políticas sociais;
- a capacidade do Estado de reprimir aspirações revolucionárias; e
- a cooptação, por parte do governo, de instituições locais, como as *mahallas* (Murtazashvili, 2012, p. 78-79).

Segundo Henry Hale, a repressão teve dois efeitos sobre a capacidade de Karimov de governar:

- ausência da "síndrome do presidente em fim de mandato" associada aos processos eleitorais; e
- menores oportunidades para que as elites utilizem eleições ou protestos em massa contra o presidente em exercício (Hale, 2014, p. 243-244).

O Uzbequistão herdou do período soviético uma economia relativamente diversificada para os padrões da Ásia Central. A gestão econômica sob o governo de Karimov seguiu uma linha protecionista, dirigista e voltada para o bem-estar social. Suas principais características foram:

- alta tributação das principais exportações do país (algodão, ouro e gás natural);
- elevados gastos sociais (Spechler e Spechler, 2010, p. 160);
- controles de preços e subsídios a bens e serviços essenciais;
- baixo nível de desigualdade de renda (Murtazashvili, 2012, p. 86); e
- uma abordagem gradualista às reformas liberais (Naumkin, 2006, p. 128).

A política externa de Islam Karimov foi moldada fundamentalmente pelo isolacionismo e por uma visão de mundo centrada na segurança (Hale, 2014; Naumkin, 2006). Embora o Uzbequistão tenha atraído interesse contínuo das grandes potências devido à sua posição geopolítica e às reservas de gás natural, Karimov manteve consistentemente uma postura de distância estratégica, permanecendo profundamente desconfiado tanto das ambições pós-imperiais da Rússia na Ásia Central quanto das agendas ocidentais de promoção da democracia, especialmente aquelas lideradas pelos EUA (Olcott, 2005; Khalid, 2007).

Essa perspectiva se traduziu em um envolvimento seletivo e defensivo com instituições multilaterais. Um exemplo notável dessa postura foi a crítica pública de Karimov à Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) em 1999, a qual ele acusou de dar ênfase excessiva às questões de direitos humanos em detrimento das prioridades de segurança regional (Karimov *apud* Hale, 2014, p. 164). Enquadrando a instabilidade na Ásia Central principalmente através do prisma do conflito afegão, Karimov argumentou que a guerra em curso no Afeganistão constituía a principal ameaça à paz, à segurança e ao desenvolvimento democrático nos Estados vizinhos, justificando assim uma política externa centrada na segurança do regime e na resistência à pressão normativa externa (Naumkin, 2006). Foi precisamente essa preocupação que levou o Uzbequistão a permitir que as forças americanas utilizassem a base aérea de Karshi-Khanabad para suas operações no Afeganistão de 2001 a 2005.

3. Reformas sob o governo de Shavkat Mirziyoyev (2016-presente)

Membro do clã Samarcanda, assim como Karimov, Shavkat Mirziyoyev conseguiu vencer a disputa pela sucessão contra rivais poderosos, como o ex-chefe do SNB, Rustam Inoyatov, o ex-ministro das Finanças, Rustam Azimov, e Gulnara Karimova, a controversa filha do falecido presidente (Hale, 2014, p. 245).

A ascensão de Shavkat Mirziyoyev ao poder em 2016 significou certa medida de reforma e liberalização nas questões internas, com uma abordagem mais moderna e tecnocrática na formulação de políticas, visando melhorar a situação econômica. Em termos de política externa, isso significou maior propensão ao compromisso com seus vizinhos da Ásia Central e abertura ao mundo exterior, em contraste com as políticas de autarquia e isolacionismo de Islam Karimov (1991-2016) (Asiryan 2019).

Em 2018, Mirziyoyev anunciou seu ambicioso pacote de reformas em diversos setores:

- liberalização cambial, com o som uzbeque (UZS) sujeito a livre conversão;
- reforma tributária;
- reforma das empresas estatais;
- simplificação das condições de negócios;
- aumentos salariais para funcionários de universidades e institutos de pesquisa;
- atualização da legislação para combater a corrupção; e
- reforma administrativa; entre outras (Spot, 2018).

Apesar do discurso reformista que tem acompanhado o mandato do presidente Shavkat Mirziyoyev, a liberalização política no Uzbequistão permaneceu limitada e marcada por contradições significativas. Embora Mirziyoyev tenha prometido, em 2020, descriminalizar a difamação, esse compromisso não foi cumprido; pelo contrário, uma nova disposição legal adotada em março de 2021 criminalizou o ato de insultar o presidente na Internet, um delito de alcance mais amplo do que a difamação e que restringe ainda mais a liberdade de expressão (Human Rights Watch, 2024).

Sinais igualmente ambivalentes surgiram da reforma constitucional aprovada por referendo em abril de 2023. Embora a constituição revisada tenha introduzido uma linguagem progressista ao proclamar o Uzbequistão como um "Estado de bem-estar social", ela simultaneamente consolidou uma orientação ideológica conservadora por meio da proteção explícita dos "valores familiares tradicionais". O aspecto mais controverso da reforma foi a extensão dos mandatos presidenciais de cinco para sete anos e a anulação da contagem dos mandatos anteriores (Uzbequistão, 1992), permitindo efetivamente que Mirziyoyev permanecesse no poder até 2037.

Essas mudanças institucionais ocorreram em um contexto de repressão política, com destaque para os protestos violentos na República do Karakalpakstão em julho de 2022, desencadeados por propostas para abolir o *status* semiautônomo da região. Os distúrbios levaram a um estado de emergência que durou um mês, dezenas de mortes, centenas de feridos e prisões em massa. Embora a decisão subsequente de preservar o *status* autônomo do Karakalpakstão tenha ajudado a garantir um referendo constitucional pacífico em 2023, com alta participação eleitoral, o episódio ressaltou a persistência de práticas coercitivas na região (Human Rights Watch, 2022).

Sob a presidência de Shavkat Mirziyoyev, o ímpeto reformista do Uzbequistão se estendeu de forma decisiva à política externa, marcando um

claro afastamento do isolacionismo da era Karimov. As relações com os países vizinhos da Ásia Central melhoraram substancialmente, particularmente com o Quirguistão e o Tajiquistão, após anos de tensão motivada por disputas de fronteira, questões migratórias e gestão hídrica. Mirziyoyev institucionalizou uma postura diplomática mais ativa por meio de frequentes visitas de Estado, incluindo as primeiras visitas presidenciais a Bishkek desde 2000 e a Dushanbe desde a independência, em 2017 e 2018, respectivamente, além da retomada dos voos comerciais regulares entre Tashkent e Dushanbe após um hiato de 25 anos.

Além da vizinhança imediata, o Uzbequistão tem desempenhado um papel mais construtivo no processo de paz no Afeganistão, aprofundado laços com os principais parceiros globais e regionais — incluindo os Estados Unidos, a Rússia, a União Europeia, a China, a Coreia do Sul, a Turquia e a Índia — e adotado uma estratégia mais assertiva para atrair investimentos estrangeiros e ampliar sua presença em organizações internacionais. Essa abordagem voltada para o exterior também inclui esforços renovados para a adesão à Organização Mundial do Comércio e um envolvimento mais estreito com a União Econômica Eurasiática, na qual o Uzbequistão obteve o *status* de observador em 2020.

Tashkent desempenhou um papel de liderança na organização da primeira cúpula entre a União Europeia e a Ásia Central, realizada em Samarcanda em abril de 2025, fortalecendo os laços com a UE por meio de uma parceria estratégica e de importantes iniciativas de investimento voltadas para infraestrutura, conectividade e desenvolvimento sustentável (Counsil of the European Union, 2025). O país também assinou um Acordo de Parceria e Cooperação Reforçado com a União Europeia e aprofundou as relações diplomáticas e econômicas com potências globais, incluindo os Estados Unidos e a China, posicionando o Uzbequistão como um centro estratégico da Eurásia. Enquanto isso, o Uzbequistão busca a adesão à Organização Mundial do Comércio em 2026 (WTO, 2025).

Conclusão

Este artigo teve como objetivo examinar se as atuais reformas liberalizantes promovidas pelo presidente do Uzbequistão, Shavkat Mirziyoyev (2016-presente), representam uma ruptura com o legado de Islam Karimov (1991-2016). Uma análise das reformas indica uma ênfase nos aspectos econômicos, mais do que na liberalização política ou na reestruturação institucional. No entanto,

essas reformas significam que as elites do Uzbequistão atualizaram sua visão de mundo, afastando-se da abordagem centrada na segurança adotada por Karimov e adotando uma perspectiva de interdependência e benefício mútuo em questões econômicas e diplomáticas.

As reformas econômicas, combinadas com uma liberalização política muito cautelosa, mostram que as elites do Uzbequistão favorecem a experiência (considerada "bem-sucedida" por elas) de Estados tecnocráticos e dirigistas, como a China, Cingapura e a Coreia do Sul. Nesse contexto, impulsionar o crescimento econômico tem prioridade sobre a liberalização do cenário político. Isso não significa, no entanto, que um ambiente econômico mais favorável possa incentivar o governo a tomar novas medidas para amenizar as características autoritárias da vida política no Uzbequistão.

A trajetória recente do Uzbequistão pode ser avaliada com maior precisão por meio de indicadores internacionais que permitem uma comparação entre os últimos anos da era Karimov (2016-2017) e a consolidação da presidência de Mirziyoyev até 2025, revelando progressos sociais tangíveis e melhorias institucionais modestas, ao mesmo tempo em que persiste uma governança autoritária.

No âmbito socioeconômico, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) publicado pelo PNUD mostra uma tendência moderadamente positiva. Em 2016, último ano do governo de Islam Karimov, o Uzbequistão registrou um IDH de 0,714, abaixo da média global (0,735). Em 2025, sob o governo de Mirziyoyev, o índice havia subido para 0,740, ainda abaixo da média mundial (0,756), mas refletindo melhorias constantes na renda, na educação e na expectativa de vida. Esse progresso reflete a priorização, por parte do governo, das reformas econômicas, da abertura controlada ao investimento estrangeiro e da expansão das políticas sociais, embora sem uma convergência total em direção a padrões internacionais de desenvolvimento mais elevados (Human Development Reports, s.d.).

Em contrapartida, os avanços no âmbito das liberdades civis e políticas têm sido muito mais limitados e, em grande parte, graduais. O Índice de Liberdade de Imprensa elaborado pelos Repórteres Sem Fronteiras (RSF) indica uma melhora modesta: a pontuação do Uzbequistão passou de 38,85 em 2016, quando ocupava a 166ª posição entre 180 países, para 35,24 em 2025, alcançando a 148ª posição. Apesar desse ganho relativo, o país continua entre aqueles com ambientes midiáticos fortemente restritos, caracterizados por restrições legais, autocensura e repressão seletiva a jornalistas e blogueiros críticos às autoridades, o que ressalta a natureza estreitamente limitada da abertura informacional (RSF 2025).

Essa avaliação é reforçada por dados da Freedom House. Em 2017, o Uzbequistão obteve apenas 3 pontos em 100 no índice "Liberdade no Mundo" e foi classificado como "Não Livre". Em 2025, a pontuação havia aumentado para 12/100, mas o país manteve a mesma classificação. A melhora numérica reflete ajustes limitados – como maior previsibilidade administrativa e uma liberalização processual mínima –, e não uma transformação estrutural do sistema político. De forma consistente, o relatório Nations in Transit continua a classificar o Uzbequistão como um "regime autoritário consolidado", indicando o domínio duradouro do Poder Executivo, a ausência de competição política significativa, a fraca independência judicial e garantias insuficientes dos direitos políticos (Freedom House, s.d.).

Em conjunto, esses indicadores sugerem que, sob o governo de Mirziyoyev, o Uzbequistão tem experimentado ganhos socioeconômicos genuínos e uma abertura internacional pragmática, acompanhadas por reformas políticas cuidadosamente administradas e contidas. Em contraste com o autoritarismo rígido e isolacionista de Karimov, o período atual é definido menos por uma ruptura e mais por uma adaptação autoritária, na qual melhorias no desenvolvimento humano e na governança econômica coexistem com a preservação dos fundamentos políticos essenciais do regime.

Referências

AKBARZADEH, Shahram. Nation-Building in Uzbekistan. *Central Asian Survey*, v. 15, n. 1, p. 23-32, 1996.

ASIRYAN, Aleksei. New Faces, Old Patterns in Uzbekistan's Foreign Policy. *The Diplomat*, 21 ago. 2019. Disponível em: https://thediplomat.com/2019/08/new-faces-old-patterns-in-uzbekistans-foreign-policy/. Acesso em: 14 jul. 2026.

FIRST EU–Central Asia summit, 4 April 2025. *Counsil of the European Union*, 4 abr. 2025. Disponível em: https://www.consilium.europa.eu/en/meetings/international-summit/2025/04/04/. Acesso em: 14 jul. 2026.

FUMAGALLI, Matteo. Ethnicity, State Formation and Foreign Policy: Uzbekistan and 'Uzbeks Abroad'. *Central Asian Survey*, v. 26, n. 1, p. 105-122, 2007.

HALE, Henry E. *Patronal Politics*: Eurasian Regime Dynamics in Comparative Perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

HANKS, Reuel. The Islamic Factor in Nationalism and Nation-Building in Uzbekistan: Causative Agent or Inhibitor? *Nationality Papers*, v. 22, n. 2, p. 309-323, 1994.

HUMAN Development Index (HDI). *Human Development Reports*, [s.d.]. Disponível em: https://hdr.undp.org/data-center/human-development-index#/indicies/HDI. Acesso em: 14 jul. 2026.

KHALID, Adeeb. *Islam after Communism*: Religion and Politics in Central Asia. Berkeley: University of California Press, 2007.

KOLDUNOVA, Ekaterina. The Impact of the Arab Spring on Central Asia: Regional and Macro-Regional Implications. In: PIET, Rémi; SIMÃO, Licínia (orgs.). *Security in Shared Neighbourhoods*: Foreign Policy of Russia, Turkey and the EU. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

KURZMAN, Charles. Uzbekistan: The Invention of Nationalism in an Invented Nation. *Critique: Critical Middle Eastern Studies*, v. 15, n. 8, p. 77-98, 1999.

LEVITSKY, Steven; WAY, Lucan A. *Competitive Authoritarianism*: Hybrid Regimes after the Cold War. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

MURTAZASHVILI, Jennifer. Coloured by Revolution: The Political Economy of Autocratic Stability in Uzbekistan. *Democratization*, v. 19, n. 1, p. 78-97, 2012.

NAUMKIN, Vitaly. Uzbekistan's State-Building Fatigue. *The Washington Quarterly*, v. 29, n. 3, p. 127-140, 2006.

OLCOTT, Martha Brill. *Central Asia's Second Chance*. Washington, D.C.: Carnegie Endowment for International Peace, 2005.

OPUBLIKOVAN spisok glavnykh reform prezidenta Shavkata Mirziyoyeva (List of Main Reforms of President Shavkat Mirziyoyev). *Spot*, 24 jul. 2018. Disponível em: https://www.spot.uz/ru/2018/07/24/reforms/. Acesso em: 14 jul. 2026.

SPECHLER, Dina Rome; SPECHLER, Martin C. The Foreign Policy of Uzbekistan: Sources, Objectives and Outcomes, 1991–2009. *Central Asian Survey*, v. 29, n. 2, p. 159-170, 2010.

SPECHLER, Martin C. *Authoritarian Politics and Economic Reform in Uzbekistan*: Past, Present and Prospects. Central Asian Survey, v. 26, n. 2, p. 185-202, 2007.

STARR, S. Frederick. *Clans, Authoritarian Rulers, and Parliaments in Central Asia*. Washington, D.C.; Estocolmo: Central Asia-Caucasus Institute; Silk Road Studies Program, 2006.

UZBEKISTAN. *Freedom House*, [s.d.]. Disponível em: https://freedomhouse.org/country/uzbekistan. Acesso em: 14 jul. 2026.

UZBEKISTAN: Imprisoned for Insulting President Online. *Human Rights Watch*, 30 maio 2024. Disponível em: https://www.hrw.org/news/2024/05/30/uzbekistan-imprisoned-insulting-president-online. Acesso em: 14 jul. 2026.

UZBEKISTAN: Police Abuses in Autonomous Region Protests. *Human Rights Watch*, 7 nov. 2022. Disponível em: https://www.hrw.org/news/2022/11/07/uzbekistan-police-abuses-autonomous-region-protests. Acesso em: 14 jul. 2026.

UZBEKISTAN Makes Steady Progress Towards Accession Negotiations. *World Trade Organization*, 5-6 nov. 2025. Disponível em: https://www.wto.org/english/news_e/news25_e/acc_05nov25_193_e.htm. Acesso em: 14 jul. 2026.

UZBEQUISTÃO. *Constitution of the Republic of Uzbekistan*. Tashkent, 1992. Disponível em: https://www.refworld.org/legal/legislation/natlegbod/1992/en/18453. Acesso em: 14 jul. 2026.

WORLD Press Freedom Index 2025. *Reporters Without Borders*, 2025. Disponível em: https://rsf.org/en/index?year=2025. Acesso em: 14 jul. 2026.